

# MOBILIDADE HUMANA E EDUCAÇÃO: OS ESTUDANTES ESTRANGEIROS NA UNICAMP\*

*Débora Mazza\*\**

**Resumo:** O trabalho atenta para a mobilidade humana como uma prática social que tem aumentado no mundo, apesar das tentativas de restrição e controle. Vários autores têm sublinhado a necessidade de se atentar às múltiplas determinações do real presente nos fluxos migratórios que conduzem regiões, grupos e indivíduos a buscarem melhores condições de vida, de trabalho e de educação. Seguindo uma perspectiva qualitativa e contando com o suporte do software livre LimeSurvey, a pesquisa realizou um *survey* com os estudantes estrangeiros inscritos na Unicamp no primeiro semestre de 2010. Objetivou apresentar: quem são esses estudantes, como eles alcançaram o estatuto de universitários no Brasil, como vivem essa experiência e quais são seus projetos de futuro. Os dados sugerem que a luta pela escola de qualidade revela um sonho que, muitas vezes, expõe esses estudantes a situações de discriminação e desigualdade.

**Palavras-chave:** Migração. Educação. Estudantes estrangeiros.

Human mobility and education: foreign students in Unicamp

**Abstract:** The research focuses on human mobility as a social practice that has been increasing throughout the world in spite of the several attempts to restrict it and control it. Numerous authors have stressed the need to investigate the multiple determinations observed in migration fluxes that lead regions, groups, and people to seek for better conditions of life, work and education. According to a qualitative perspective and by making use of the free software LimeSurvey, this work accomplished a survey about foreign students attending to Unicamp over the first semester of 2010. It aims to show: who are these students, how they have reached the academic status in Brazil, how they do live this international academic experience, and what their future plans are. The data suggest that fighting for a high quality school reveals a dream that frequently exposes these students to discrimination and inequality experiences.

**Keywords:** Migration. Education. Foreign students.

## COLOCANDO O PROBLEMA

Nunca houve tantas pessoas vivendo fora de seus países de origem como atualmente. Relatórios da ONU sugerem que cerca de 200 milhões de pessoas, nas últimas décadas, buscaram viver em outros lugares. Esta nova era de mobilidade criou oportunidades e desafios para as sociedades do mun-

---

\* A pesquisa contou com financiamento Pibic/CNPq, CAPES COFECUB, Processo BEX3791/10-6, Faepex Proc. BEX 3791-10-6.

\*\* Profa. Dra. Do Departamento de Ciências Sociais/FE/UNICAMP e CEDES.Email: dmazza@unicamp.br

do todo. Também chamou atenção para a estreita ligação entre migrações internacionais e desenvolvimento nacional. Todos os países contam com imigrantes na sua população (BAN KI-MOON, 2007).

#### Entende-se por mobilidade humana

os deslocamentos dos indivíduos no espaço e o cruzamento de uma fronteira. É esta dupla dimensão que explica a importância desta questão na história contemporânea. Ela se situa no cruzamento de duas revoluções que mudaram nosso mundo na modernidade. A primeira é a Revolução Francesa, que inaugurou a época dos Estados-nações fundados sobre o princípio da soberania do povo e marcado por uma clivagem fundamental que opõe o nacional ao estrangeiro. A segunda é a revolução industrial. Com os progressos técnicos e a aparição das grandes empresas, a mobilidade dos homens foi acelerada e tomou um aspecto massivo. A conjunção destes dois fenômenos provocou a aparição dos imigrantes tal como nós os definimos hoje. (NOIRIEL, 1988, p. 6, tradução nossa).

#### Kurz (2005) sugere que

a causa da nova migração desde o final do século XX é a nova crise socioeconômica da terceira revolução industrial e possui um caráter global. Microeletrônica, tecnologia de informação e globalização do capital produzem, além de todas as barreiras nacionais e culturais, uma sociedade mundial, mas não positivamente como uma conquista, e sim negativamente como processo de dessecamento econômico. [...] Em lugar de um sistema que cubra o mundo todo com trabalho assalariado e valorizado, vai surgindo [...] oásis de produtividade e rentabilidade, em volta dos quais surgem desertos econômicos (KURZ, 2005, p. 28).

Nesta perspectiva, a migração representa uma desorganização da força de trabalho orquestrada pelos ditames da reprodução capitalista.

Cohen (2005) destaca oito tipos de fluxos migratórios que, apesar das tentativas de restrição e seleção dos imigrantes por parte dos Estados, aumentou rapidamente nos últimos trinta anos: trabalhadores legais, trabalhadores ilegais, refugiados e pessoas deslocadas, mulheres, migrantes especializados passageiros, migrantes especializados de longa duração, movimentos internos em grande escala e turismo. A globalização “vinda de cima”, exercitada pela lógica do mercado de capitais e de mercadorias produz uma globalização “vinda de baixo”, impulsionada pela maior pressão de grupos que veem na mobilidade uma possibilidade. Ambas criam zonas de conflito que atrimam interesses.

Vários autores (FALQUET et al., 2010; LISBOA, 2006; MARUANI, 2005; ZAMORA, 2009) destacam a necessidade de introduzir a perspectiva de gênero e geração, além de classe e etnia, na compreensão das migrações, para superar a invisibilidade de certos fluxos e ter uma visão mais integral do fenômeno. As mulheres representam hoje quase a metade do total mundial de imigrantes, não são protagonistas secundárias nem passivas. Porém, assim como os migrantes especializados, passageiros ou não, e estudantes,

estão “escondidos na história das migrações” (COHEN, 2005, p. 35-6). As teorias clássicas das migrações, fundamentadas em concepções liberais ou marxistas, vinculam a migração, prioritariamente, às causas econômicas, focalizando as oportunidades de empregos formais, quase sempre reservados a homens, provedores de família, no modelo capitalista de desenvolvimento urbano e industrial, reduzindo o imigrante ao trabalhador com direitos. Assim, as mulheres e os estudantes tornam-se invisíveis ou dependentes de seus provedores. Os fluxos migratórios de mulheres dirigem-se a trabalhos domésticos ou a profissões do “cuidado”, na esfera privada e/ou não regulamentada. Os fluxos de estudantes movem-se financiados por acordos diplomáticos, políticas multilaterais e organismos públicos e privados de financiamento à educação e à pesquisa. Ambos não compõem as estatísticas da população economicamente ativa.

A circulação de estudantes, os intercâmbios culturais, as experiências de formação transnacionais devem ser pensados no contexto da modernidade avançada, ou seja, dos países capitalistas centrais e periféricos alinhados que, enquanto promovem a expansão do sistema de educação com um crescimento rápido do número de estudantes nos vários níveis de ensino, produzem, no mundo do trabalho, um afinilamento das frentes de emprego e recepção desses novos grupos sociais inflacionados de notas e diplomas. A internacionalização da formação tem sido praticada como recurso curricular que possibilita habilidades linguísticas, familiaridade com culturas estrangeiras, redes relacionais, sociabilidades multiculturais; mas também se tem transformado em recursos extracurriculares de construção de fronteiras sociais, competição no interior das experiências educativas e dos mercados de diplomas, títulos e trabalho (BROADY; BORJESSON; PALME, 2002; BRITO, 2004; LABACHE; SAINT MARTIN, 2008; NOGUEIRA, 2000, 2004; NOGUEIRA; AGUIAR; RAMOS, 2008; PRADO, 2000, 2004; WAGNER, 2000).

Várias expressões foram cunhadas para configurar diferentes modalidades de circulação internacional de jovens, em processo de escolarização avançada e com expectativas de inserção qualificada no mercado de trabalho: fuga, intercâmbio, ganho, desperdício e exportação – de cérebros. Essa população tem enorme potencial de adicionar recursos criativos e produtivos para seus países de origem (AZEVEDO, 1968; MEYER, 2004, 2005; SHIFF; OZDENI, 2005).

Preocupados com a sedução dos fluxos migratórios sobre as populações jovens e empreendedoras de países pobres ou em desenvolvimento, algumas nações vêm desenvolvendo instrumentos de cooperação que possibilitem experiência internacional, formação qualificada dos jovens e garantia de retorno e devolutiva de saberes e experiências à nação de origem.

## ALGUMAS INICIATIVAS DO GOVERNO BRASILEIRO

O *site* oficial do Ministério das Relações Exteriores (MRE) do governo brasileiro revela que o Brasil possui acordos com cerca de 50 países em desenvolvimento para receber estudantes de graduação e de pós-graduação em faculdades públicas e privadas em todo o território nacional. Trata-se do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), criado em 1920 e administrado desde 1964 pelo MRE e pelo Ministério da Educação (MEC). Em 1983, foi instituído o Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG) em parceria com a CAPES/MEC e com o CNPq/Ministério da Ciência e Tecnologia.<sup>1</sup>

Com programas como estes, o Brasil tem participado da formação de recursos humanos qualificados, proporcionando o conhecimento da realidade brasileira, o intercâmbio cultural e a ampliação e o aprofundamento de relações educativas transnacionais.

Atualmente participam do PEC-G e do PEC-PG:

**Na América:** Argentina, Barbados, Bolívia, Colômbia, Costa Rica, Chile, Cuba, El Salvador, Equador, Guatemala, Guiana, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Republica Dominicana, Suriname, Trinidad e Tobago, Uruguai, Venezuela. **Na África:** Angola, Benin, Botsuana, Cabo Verde, Camarões, Congo, Costa do Marfim, Gabão, Guiné Bissau, Lesoto, Mali, Marrocos, Maurítânia, Moçambique, Namíbia, Nigéria, Quênia, República Democrática do Congo, São Tomé e Príncipe, Senegal, Tanzânia, Togo, Tunísia, Zâmbia, Zimbábue. (MEC/SESU/PEC-G, 2000, p.51).

## OS ESTUDANTES ESTRANGEIROS NA UNICAMP

Em 2009, iniciou-se uma pesquisa sobre estudantes estrangeiros que vieram realizar parte de sua formação no Brasil. Circunscrevi a pesquisa na Universidade de Campinas (Unicamp), considerando a visibilidade nacional e internacional dessa instituição, o volume de estudantes estrangeiros por ela acolhidos e a exequibilidade da pesquisa. Contatou-se todas as instâncias acadêmicas receptoras de estudantes estrangeiros: a Pró-Reitoria de Graduação (PRG), a Pró-Reitoria de Pós Graduação (PRPG), a Diretoria Acadêmica (DAC) e a Coordenadoria de Relações Internacionais (CORI).

Segundo dados oficiais, em 2009 a Unicamp contava com: “31.222 alunos matriculados em 66 cursos de graduação e 138 programas de pós-graduação em seus campi de Campinas, Piracicaba e Limeira”.<sup>2</sup>

É parte do projeto político-pedagógico da Unicamp aprofundar o processo de internacionalização da universidade no envio e na recepção de estudantes, docentes e pesquisadores.

<sup>1</sup> Disponível em: <[www.itamaraty.gov.br/difusaoocultural/pec](http://www.itamaraty.gov.br/difusaoocultural/pec)>. Acesso em: 28/06/2010

<sup>2</sup> Disponível em: [www.unicamp.br](http://www.unicamp.br). Descritor: anuário 2010. Acesso em: 30/06/2010

A pesquisa busca levantar:  
 Quem são os estudantes estrangeiros na Unicamp?  
 Como alcançaram o estatuto de estudantes universitários no Brasil?  
 Como vivenciam esta formação?  
 Quais seus projetos de futuro?

## A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

De janeiro a março de 2010, utilizamos o *software* livre LimeSurvey<sup>3</sup> para disponibilizar na rede de informática da Unicamp um questionário para todos os estudantes estrangeiros, por meio de seus endereços eletrônicos institucionais.

Em março de 2010, recebemos da DAC uma listagem com os endereços eletrônicos de 512 estudantes estrangeiros – de graduação, pós-graduação, especialização, especiais e ouvintes – com registro acadêmico (RA) na Unicamp e assinamos um termo de compromisso de que a utilizaríamos apenas para a pesquisa.

Em 10/04/2010, disparamos uma mensagem para o *e-mail* institucional dos 512 estudantes estrangeiros, com uma explicação sucinta da pesquisa, um convite de participação por livre consentimento para responder o questionário, um *link* automático de entrada no ambiente LimeSurvey e uma senha individual. Os estudantes poderiam não respondê-lo ou fazê-lo parcial ou integralmente, de qualquer computador, por meio de sua senha pessoal. Ou poderiam estabelecer contatos pelo *e-mail* institucional da responsável pela pesquisa.

Em 26/05/2010, desabilitamos o questionário na base de dados do LimeSurvey, e o acesso à pesquisa foi interditado. Numericamente alcançamos:

Questionários enviados	5	100
Questionários estornados	12	38
Questionários recebidos	3	62
Questionários completamente respondidos	16	41
Questionários parcialmente respondidos	10	6%
Questionários recebidos e não respondidos	2	15
	9	
	7	

<sup>3</sup> A utilização do LimeSurvey contou com o apoio técnico da equipe do Centro de Computação da Unicamp (CCUEC), particularmente Renata A. F. Del Castillo, Marcelo A. Franco e Laura de C. F. Rodrigues. Eles assessoraram no processo de familiaridade com o ambiente LimeSurvey e na adequação do questionário de pesquisa às ferramentas do software. A elaboração do questionário e sua inserção na base de dados contaram com a colaboração de Daniela Crepaldi e Glauca Regina Lopes da Silva, alunas do curso de graduação em Pedagogia/Unicamp. Glauca realizou sua monografia de conclusão de curso nos quadros da pesquisa (SILVA, 2010). Agradeço a todos.

O questionário continha 74 questões estruturadas, semiestruturadas e abertas e foi organizado em três eixos: Informações Gerais, Informações Familiares e Informações do Estudante Intercambista.

Os *e-mails* utilizados pela pesquisa são os mesmos acessados por todos os órgãos da universidade para contatar esses estudantes sobre prazos de matrícula, trancamento de disciplinas, concessão de bolsas, entrega de relatórios, realização de eventos, renovação de passaporte, regularização junto à Polícia Federal etc. O estorno de 38% dos questionários enviados revela dificuldade de comunicação da instituição com essa população.

Além do questionário, acompanhamos reuniões com os estudantes estrangeiros na Unicamp da PRG, da PRPG, da DAC e da CORI, contando com a presença de representantes do MRE, que acompanham os PEC-G e PEC-PG desde Brasília.

Em setembro e outubro de 2010, no Centro de Ensino de Línguas (CEL), da Unicamp, pudemos observar duas classes reservadas ao ensino de português para estrangeiros e realizar duas entrevistas com os alunos.

Portanto, os dados que ora apresentamos configuram a análise da pesquisa desenvolvida sob abordagem qualitativa, que trabalhou com dados quantitativos e qualitativos; fontes primárias, secundárias e terciárias; documentos e depoimentos. Consideramos tanto as respostas dos questionários completamente respondidos quanto a dos parcialmente respondidos.

## OS DADOS CONSTRUÍDOS PELA PESQUISA

### I- Quem são os estudantes estrangeiros na Unicamp?

Quanto ao país de origem, cerca de 60% dos estudantes na Unicamp provêm da América Latina (Colômbia, 26%; Peru, 24%; Argentina, 3%; Bolívia, 2%; Equador, 2%; Paraguai, 1%); e 11% da África (Cabo Verde, 5%; Congo, 3%; Angola, 2%; Guiné Bissau, 1%). Os dados sugerem que o Programa de Estudante Convênio (PEC), conduzido pelo governo brasileiro desde a década de 1920, tem vincado a geografia da mobilidade estudantil na Unicamp. Cerca de 75% dos estudantes estrangeiros advêm de países beneficiados pelos acordos.

Predominam estudantes estrangeiros jovens:<sup>4</sup> cerca de 30% na faixa etária de 19 a 25 anos e 43% entre 26 e 33 anos.

Os homens somam 57% e as mulheres, 29%, dados significativos, pois sugerem que as estratégias pessoais e familiares de intercâmbio acadêmico internacional se destinam prioritariamente ao sexo masculino, apesar de pesquisas nacionais e internacionais apontarem para o melhor desempenho

<sup>4</sup> Segundo estudos sociodemográficos contemporâneos, a juventude abrange a faixa etária dos 15 aos 35 anos (SALA; OLIVEIRA, 2009, p. 268).

das meninas na escola e nos vestibulares de acesso ao ensino superior. (MONTLIBERT, 2001; CARVALHO, 2004)

Cerca de 70% são solteiros e definem-se socialmente como estudantes. Estes dados os aproximam dos estudos internacionais que configuram os estudantes como um grupo social, com características como: vivências em espaços urbanos, investimentos na busca de diplomas, prolongamento do estado de adolescência, relações afetivas não definitivas e incerteza quanto ao acesso ao emprego num contexto de crise. (NOVI, 1997)

Quanto à percepção cor, compusemos:

América do Sul 137 respondentes	África 23 respondentes
47% pardos	52% pretos
32% brancos	40% pardos
10% indígenas	4% brancos
2% amarelos	

Esses dados sugerem questões de pertencimento, de construção de identidade e de possibilidades relacionais, visto que essa população, que se considera majoritariamente parda, no caso dos latinos; e preta, no caso dos africanos, convive em uma sociedade brasileira que alimenta o mito da democracia racial, mas pratica processos de sociabilidade que não alcançaram, até o momento, integrar negros, indígenas e mestiços na sociedade de classes (FERNANDES, 1978).

Os estudantes estrangeiros dizem ser majoritariamente católicos, e o pertencimento às religiões protestantes foi significativamente maior na África do que na América do Sul.

América do Sul	África
58% católicos	48% católicos
7% protestantes	26% protestantes
1% espíritas	13% espíritas

Quanto aos idiomas falados, 74% dos estudantes afirmam-se fluentes no português. Este dado deve ser minimizado, pois o domínio do português é exigido nos acordos do PEC. Na prática, porém, esse domínio não se efetiva na sala de aula, o que leva a universidade a oferecer cursos de português para estrangeiros. 66% afirmaram dominar também o espanhol; 46%, o inglês; e 8%, o francês. Estas línguas compõem nas bibliografias trabalhadas nos cursos da Unicamp.

Cerca de 70% dos estudantes estrangeiros apontaram que, em seus países de origem, moravam com suas famílias – pai, mãe e irmãos – em unidades familiares de três a cinco pessoas na mesma casa.

Segundo os dados, 24% dos pais e 21% das mães completaram o ensino superior e 14% dos pais e 7% das mães dos estudantes possuem pós-graduação. Tais dados merecem atenção na medida em que estudos sugerem que as vantagens culturais associadas ao nível de escolarização dos pais são cumulativas na vida dos filhos. (BOURDIEU, 1968).

Cerca de 40% dos pais trabalham como funcionários públicos, profissionais liberais, professores ou técnicos de nível superior, ramos profissionais urbanos que demandam diplomas de nível superior. Cerca de 30% das mães possuem ocupações nos mesmos ramos profissionais dos pais. Esses dados reforçam um capital cultural escolar acumulado pelas famílias.

Dos estudantes estrangeiros, 63% possuem casa própria em seu país de origem, na maioria das vezes (51%), quitada. Isto sugere que essas famílias têm a sede de convivência familiar assegurada e podem investir em outras necessidades e projetos, tais como a educação dos filhos.

Serviços públicos básicos – água encanada, luz elétrica, esgoto, calçadas, ruas pavimentadas, telefonia e internet – que caracterizam contextos urbanos e industriais são oferecidos a cerca de 70% dos estudantes e a suas famílias.

Dos estudantes estrangeiros na Unicamp, 40% fizeram seus estudos exclusivamente em escolas públicas, cerca de 14% fizeram parte dos estudos em escolas públicas e apenas 20% cursaram apenas escolas particulares. A frequência majoritária no turno diurno por 70% deles demonstra a centralidade das práticas escolares no seu cotidiano. Menos de 2% frequentaram a escola no turno noturno.

As respostas sobre viagens ao exterior anteriores à experiência como estudante estrangeiro na Unicamp indicaram que 36% deles já tinham alguma experiência internacional antes de entrarem na Unicamp. A grande maioria relatou viagens de turismo em países europeus e da América Latina e nos Estados Unidos. A segunda maior incidência foi de relatos de intercâmbios de curta duração para aprendizado da língua inglesa, junto com estágios profissionais e cursos diversos. Houve dois relatos de experiências em países estrangeiros para participar de campeonatos desportivos e um para tratamento de saúde. 32% nunca tinham saído de seus países.

Estes dados levam-nos a indagar sobre a possibilidade de uma disposição para o cosmopolitismo, no sentido contemporâneo do termo, ou seja,

o cosmopolitismo como um valor de construção identitária destinado a atestar um dinamismo, uma abertura para a modernidade dos espaços urbanos, ou seja, para o fluxo da população ao lado da mundialização da economia. [...] Neste contexto, o cosmopolitismo induz a aprender a língua dos outros, uma cultura estrangeira, aprofundando, ao mesmo tempo sua própria cultura [...] longe de questões de integração, as sociedades modernas deveriam se voltar para a diversidade e a pluralidade de pertencimentos. (GASTAUT, 2002, p. 8, tradução nossa).



Essa disposição cosmopolita é radicalmente oposta a uma perspectiva nacionalista. A racionalidade universal opõe-se à cidadania nacional. (DIMITRIJEVIC, 2002). Entretanto, os estados e as instituições configuram-se segundo referenciais dos Estados-nações, o que cria dificuldades, obstáculos e decalagens entre as experiências transnacionais, os processos de construção de identidades cosmopolitas e os contextos sociopolítico-econômicos mundiais.

Será que estes estudantes possuem disposição cosmopolita ou estão em busca de conhecimentos técnicos, aplicados, utilitários, de validade universal, circunscritos à racionalidade instrumental?

## II – COMO ELES ALCANÇARAM O ESTATUTO DE ESTUDANTES DE ENSINO SUPERIOR NA UNICAMP?

Indagados sobre a forma como alcançaram o estatuto de estudantes no Brasil, muitos comentaram a busca pela internet e outras mídias; outros falaram sobre a experiência de amigos e familiares; alguns comentaram a indicação de professores em seus países de origem, cujas instituições tinham acordos firmados com a Unicamp; outros, ainda, fizeram referência às embaixadas e aos consulados brasileiros em seus países. Alguns estudantes estrangeiros possuem visto de permanência e ingressaram na universidade por meio ou do exame nacional de vestibular, realizado anualmente pela Comissão de Vestibular (COMVEST), ou dos processos seletivos realizados pelos programas de pós-graduação.

A maioria dos respondentes referiu-se aos financiamentos de seus estudos na Unicamp pelos programas PEC-G e PEC-PG. Alguns alegaram recursos próprios, outros fizeram referências às bolsas da CAPES, CNPq e FAPESP. Um estudante mencionou o programa Santander e outro o programa Petrobrás / Unicamp. Fica evidente que quase a totalidade desses estudantes é financiada com recursos brasileiros.

A porta de entrada dos estudantes aos convênios na Unicamp são os processos seletivos perpetrados pelas embaixadas de seus países de origem. As exigências burocráticas diferem de país a país; porém, no ato da inscrição, todos devem apresentar o currículo de vida, um conjunto de documentos que comprovem que estão em dia com as leis de seus países de origem (serviço militar, impostos, eleições, atestado de boa conduta etc.); realizar prova básica de português; assinar termo de retorno e permanência no país de origem em tempo igual ou superior ao permanecido no Brasil; entregar, assinado pelas famílias, termo de envio de recursos para a manutenção do estudante intercambista. A embaixada de alguns países realiza também uma entrevista.

Em 2010, o vestibular da COMVEST contou com 3.444 vagas nos diferentes cursos de graduação da Unicamp e 55.484 inscritos, com uma média de 17 candidatos por vaga. Os estudantes estrangeiros são poupados dessa concorrência. Suas vagas são negociadas por meio de acordos diplomáticos.<sup>5</sup>

### III – COMO VIVENCIAM ESSA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO?

Em sua maioria, os estudantes estrangeiros pesquisados ingressaram na universidade entre 2007 e 2010, sobretudo em cursos das áreas de ciências exatas. Cerca de 50% investem em carreiras ligadas às engenharias, às ciências tecnológicas e às matemáticas. Este dado reforça a visão que a universidade tem dos diferentes campos disciplinares. A DAC aponta que a linguagem das ciências exatas é mais universal, o que não garante, mas facilita, o desempenho, mesmo considerando a formação científica precária que trazem do ensino médio, a dificuldade com o português e as tensões com os métodos didáticos e os critérios avaliativos adotados pelos professores.

A maioria desses estudantes realiza atividades nos programas de pós-graduação (30% mestrado, 25% doutorado e 1% pós-doutorado). Cerca de 20% vêm para os cursos de graduação.

Os dados indicam também que cerca de 50% deles têm hábito de ler revistas de divulgação científica, tecnológica, filosófica ou artística, dicionários e enciclopédias, jornais e revistas de informação geral. A modalidade de leitura mais utilizada por 65% deles são os *sites* e as matérias na internet.

Se temos a leitura como um recurso fundamental que “toca a transmissão do saber e do patrimônio; permite a difusão e a partilha da cultura, remete a um simbólico social que marca a relação dos homens com o mundo, com os outros e consigo mesmos” (CARVAJAL, 1997, p.29, tradução nossa) e é parte integrante da condição de estudante, podemos considerar que os suportes mobilizados sugerem práticas utilitárias de leitura ligadas às demandas universitárias. Os dados não apontam para a atividade de leitura como lazer. Apenas cerca de 15% dos estudantes responderam ler livros de ficção, não ficção ou biografias. Perguntamos ainda sobre situações marcantes vivenciadas por eles e onde elas ocorreram. Cerca de 30% dos estudantes estrangeiros afirmaram ter vivenciado uma situação marcante na universidade. Dentre estes, 14% disseram que a situação mais significativa se referia à relação professor-aluno. Esta foi a ocorrência mais expressiva, sugerindo a centralidade que o ambiente universitário alcança nas sociabilidades desses jovens. Depois vieram: encontros com pessoas (7%), atividade cultural (6%), festas (4%) e atividades políticas ou esportivas (2%).

<sup>5</sup> Disponível em: <[http://www.comvest.unicamp.br/estatisticas/2010/cv\\_fase1.html](http://www.comvest.unicamp.br/estatisticas/2010/cv_fase1.html)>. Acesso em: 29/12/2010.

Durkheim (1928), preocupado com as formas de sociabilidade e com os processos de construção de valores coletivos, atentou para as práticas que vinculavam os indivíduos a espaços, tempos e grupos. Segundo ele, a questão social era atentar para a organização de práticas e espaços que, nas sociedades modernas, fortaleciam-se não mais na esfera das relações familiares primárias e sim nas esferas das relações secundárias institucionais. A solução do problema social não era exclusivamente de ordem econômica, mas, principalmente, de reconstituição de referenciais sociais que exercessem autoridade sobre os indivíduos e regulassem a vida moral e também econômica. Daí a importância da escola.

Podemos considerar a hipótese durkheimiana para inferir o lugar que a universidade e as relações nela estabelecidas, particularmente entre professor e aluno, alcançam na vida desses estudantes.

A centralidade da escola aparece também quando questionados sobre a escolha da profissão e quem os influenciou nessa escolha. 42% disseram que escolheram seguir profissões ligadas às engenharias, às ciências tecnológicas e (às) matemáticas. O elemento mais decisivo na escolha da profissão foi a escola: para cerca de 30%, ela foi decisiva para sua escolha profissional. Outros fatores foram: amigos (25%), família (23%), estímulo financeiro e mercado de trabalho (22%).

Solicitamos que descrevessem brevemente a situação marcante vivida. Os relatos oscilaram entre a dificuldade de relacionar-se com alguns professores e a arbitrariedade de algumas formas de avaliação, gerando prejuízos na formação. Outros relatos revelaram sentimentos de discriminação e perseguição, por serem estrangeiros, situação que os fazia trabalhar arduamente para provar que eram capazes. Houve também relatos de experiências surpresas de estudantes que trabalharam com professores que, embora de elevado prestígio acadêmico, são acessíveis e disponíveis para consultas acadêmicas, mantendo relacionamentos acolhedores e, por vezes, estabelecendo uma relação de tutoria importante para a permanência do estudante na Unicamp.

Alguns estudantes utilizaram esse espaço para falar de outras experiências que os marcaram, tais como situações de violência, de um estudante que foi vítima de um sequestro-relâmpago.

Houve ainda relatos acerca da dificuldade de moradia, tanto para aqueles que tentam alugar um imóvel e não conseguem fiador, quanto para os que conseguem vaga na moradia estudantil e são obrigados a conviver com pessoas de hábitos e costumes muito diversos, sem alternativa de escolha.

Por fim, revelaram pressões relacionadas à burocracia da Unicamp, ao risco de serem desligados do programa devido a dificuldades de renovação dos vistos do passaporte ou ao baixo rendimento acadêmico, situações que deixam em estado de alerta grande parte dos estudantes por convênio.

Os estudantes estrangeiros manifestaram dificuldade de acompanhamento das disciplinas em relação à escrita ou à compreensão da fala de

professores e colegas de curso, em especial nas disciplinas com poucos recursos visuais, em razão de ainda estarem aprendendo a língua portuguesa. Relataram também dificuldades de aprendizado em matérias tais como Cálculo 1, em decorrência da ausência conhecimentos prévios. A maior parte das disciplinas citadas pertence ao currículo dos cursos de ciências exatas. Porém, alguns estudantes disseram não terem vivido nenhuma dificuldade nos cursos.

Cerca de 20% declararam que se sentiram discriminados em razão de sua etnia, raça ou cor. Aproximadamente 18% foram discriminados por conta de seu local de nascimento; 16% sentiram-se discriminados pelas situações econômicas e 13% afirmaram terem sido discriminados em razão de sua aparência física. Tais dados confirmam estudos sobre as desigualdades sociais na América Latina, que apontam para o entrecruzamento de variáveis que envolvem etnia/cor/raça, região, gênero e classe social (ARIZA; OLIVEIRA, 2007).

A maioria revelou considerar positivo o saldo da experiência de estudante estrangeiro na Unicamp: os estudantes ressaltaram a riqueza das trocas culturais, o crescimento pessoal, por viverem em outro país, e a oportunidade de desenvolvimento profissional e acadêmico. Apontaram as facilidades de acesso a recursos acadêmicos, tais como bibliotecas, internet, professores-pesquisadores, produções científicas de ponta, prestígio acadêmico da Unicamp, bolsas de fomento à pesquisa, eventos científicos, boa comida no Restaurante Universitário; hospitalidade e amabilidade dos brasileiros; produções culturais, sobretudo a música e a dança.

Apontaram como dificuldades a língua e os entraves na comunicação, o alto custo de vida, as condições de sobrevivência com a bolsa, a falta de moradia ou a moradia em condições difíceis, a falta de eventos culturais dentro do *campus*, o isolamento do distrito de Barão Geraldo, as distâncias e as condições de deslocamento, a burocracia, a DAC, a ignorância do povo brasileiro em relação a outros países e culturas, a convivência com pessoas muito liberais, a saudade e a solidão.

Em conversas com os estudantes, constatamos que eles não têm recursos econômicos para acompanhar os programas de finais de semana dos estudantes brasileiros. As festas, os bares, os cinemas são caros e demandam condução própria. Eles alegam que a Unicamp é muito elitista e que, nos seus países de origem, os estudantes universitários vivem com pouco dinheiro. Sentem-se impossibilitados de acompanhar as práticas de consumo de bens materiais e culturais dos nacionais, mesmo quando convidados. Acabam organizando festas, encontros em suas repúblicas, onde cada um colabora como pode com música, bebida e comida. Entretanto, convivem entre si. Nesse sentido, as oportunidades gratuitas de estudo, lazer e convivência oferecidas pela universidade ganham importância na vida desses estudantes.

#### IV – QUAIS SÃO OS PROJETOS DE FUTURO?

Dos entrevistados, 51% responderam que pretendem continuar estudando na Unicamp, depois de encerrada esta fase de estudos atuais. Este dado deve ser destacado, considerando o protocolo dos estudantes do convênio. Entretanto, verificamos que eles ensaiam estratégias de driblar compromissos de retorno assumidos no momento de assinatura dos acordos. Apenas 11% dos estudantes responderam que não pretendem continuar seus estudos na Unicamp.

Suas perspectivas de vida envolvem, para alguns estudantes, o desejo de continuar os estudos na pós-graduação, o que os habilitaria a lecionar em universidades locais ou em seus países de origem; para outros, o propósito de levar para as universidades de seus países a organização acadêmica experimentada na Unicamp, por acreditarem que melhorariam a qualidade de ensino e pesquisa em seus países. Outros, ainda, desejam permanecer na área de pesquisa e, entre estes, existem estudantes que desejam manter o vínculo colaborativo com pesquisas efetuadas na Unicamp; alguns manifestam vontade de prosseguir seus estudos em alguma universidade europeia ou norte-americana; ainda outros almejam conseguir um bom emprego ou abrir um negócio próprio em seus países de origem, a partir de sua formação na Unicamp; outros pretendem conseguir um bom emprego e estabelecer-se no Brasil. Há também estudantes que pensam na possibilidade de não conseguirem emprego em seu país de origem e, portanto, pretendem permanecer no Brasil.

A possibilidade de permanecer no País por meio de relacionamentos afetivos que acenem com possibilidades matrimoniais apareceu nas nossas conversas com os estudantes. Apenas cerca de 10% dos estudantes – homens e mulheres – responderam que desejam voltar a seus países de origem e, dentre estes, cerca de 70% vinham do Peru e da Colômbia. Menos de 1% dos estudantes africanos – homens e mulheres – manifestaram o desejo de retornar a seus países de origem após esta etapa de formação.

#### CONCLUSÕES

Quem são os estudantes? Eles constituem um grupo social? É possível apreendê-los como categoria de análise?

Segundo Frickey (1997), este tema dominou a sociologia da educação desde a década de 1960, apresentando como questão central a problemática da desigualdade. Ou seja, a desigualdade de oportunidades escolares relacionava-se diretamente com as desigualdades de oportunidades sociais ou, em outros termos, de mobilidade social.

Erlich (1997), por meio de uma abordagem sócio-histórica do mundo universitário, sugere que, apesar da heterogeneidade que marca os estudantes, as instituições de ensino superior e os percursos da vida estudantil, é possível apontar homogeneidades nas investigações sociológicas: identidade escolar, identidade profissional e identidade juvenil. A primeira define-se como um processo de socialização fortemente referenciado à instituição escolar. A segunda apresenta-se como um período de formação vislumbrado pela inserção social futura no mundo do trabalho; a terceira delas configura-se como uma fase da juventude situada entre a adolescência e a vida adulta, marcada por um conjunto de comportamentos de afirmação de identidades, práticas culturais entre pares de geração e dependência econômica.

Novi (1997) sugere a existência de uma comunidade de interesse ou de objetivos compartilhados pelos estudantes universitários. Identifica certa prolongação do estado de adolescência que caracterizaria jovens com mais de 18 anos, que têm nos estudos sua principal atividade, não trabalham ou não têm o trabalho como atividade prioritária, dependem financeiramente dos pais ou da família e não moram mais no domicílio parental.

Estes autores ajudam-nos a configurar os estudantes estrangeiros na Unicamp, segundo os dados observados nas estratégias quali-quantitativas de pesquisa. Eles advêm majoritariamente de países da América do Sul e da África, se autodefinem quanto à cor como pardos e negros, beneficiam-se de recursos do governo brasileiro destinados ao Programa de Estudantes Convênio para a graduação e pós graduação. São jovens entre 19 e 33 anos, do sexo masculino, solteiros que se definem socialmente como estudantes e concentram suas práticas culturais na vida acadêmica. Encontram-se em processo de formação, vinculam-se à área das ciências exatas; são dependentes economicamente e têm pretensões de permanecer no Brasil. Aspiram a uma formação acadêmica de qualidade tendo em vista uma boa colocação no mercado de trabalho, entretanto, as expectativas de futuro são marcadas por incertezas. Poucos almejam retornar ao país de origem.

Os dados mostram ainda que, apesar de no âmbito mundial, estima-se que a proporção de mulheres no total de migrantes internacionais permanece em torno de 49% (MARTINE, 2005, p. 59), na modalidade de estudantes conveniados elas não representam 30% do volume de fluxos. O processo de internacionalização da formação a nível superior é uma estratégia pessoal e familiar ainda destinada aos membros do sexo masculino.

A Unicamp, assim como outras universidades do Brasil e do mundo, tem inserido a circulação internacional de estudantes como um desafio para o seu projeto político-pedagógico, tendo em vista o desenvolvimento de experiências educativas orientadas por parâmetros de excelência científica e tecnológica configurados em fóruns internacionais. Segundo dados institucionais, “10% dos estudantes de graduação anualmente e 3% dos que se titulam na pós-graduação, tiveram ao menos uma experiência de mobilida-

de internacional durante o programa”.<sup>6</sup> O objetivo para os próximos anos é fazer com que “30% dos estudantes da graduação e 10% dos estudantes da pós-graduação tenham anualmente uma experiência no exterior”.<sup>7</sup>

Spósito (1988) aponta elementos que impulsionam as migrações: o trabalho, a casa, a saúde e a educação. Ela sugere que o trabalho, a casa e a saúde – que se vinculam à sobrevivência – garantem a possibilidade de continuar e, principalmente, de lutar por melhores condições de vida. Entretanto, a educação, a luta pela escola de qualidade, a conquista do diploma, revelam um sonho. A educação transcende a sobrevivência: coloca em perspectiva o desejo de melhoria, de ascensão, mas também a possibilidade de mudar de vida, de romper com a mera repetição e projetar-se como um ser diferente do que foi imposto pela realidade social que o engendrou. “O sonho da educação nutre a luta do migrante”. (SPOSITO, 1988, p.16). Muitas vezes, a realização do sonho expõe a situações de discriminação e desigualdade. Assim podemos compreender os investimentos pessoais, familiares, grupais e institucionais dos estudantes estrangeiros na Unicamp.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIZA, M.; OLIVEIRA, O. Família, pobreza e desigualdade social em Latina America- uma mirada comparada. *Estudios Demográficos y Urbanos*, México, v. 22, n. 1, p. 9-42, 2007.
- AZEVEDO, T. *A evasão de talentos: desafio das desigualdades*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.
- BAN KI-MOON. *Mensagem do Secretário-geral da ONU. Dia Internacional dos imigrantes*. Bruxelas: Centro de Informação das Nações Unidas – RUSIC, 18 de dezembro de 2007.
- BOURDIEU, P. *La transmission de l’heritage culturel*. Paris: Éditions de Minuit, 1968.
- BRITO, A. X. de. *Habitus do herdeiro, habitus escolar: os sentidos da internacionalização nas trajetórias de estudantes brasileiros no exterior*. In: ALMEIDA, A. M. F. et al. *Circulação internacional e formação das elites brasileiras*. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2004. p. 85-104.
- BROADY, D.; BORJESSON, M.; PALME, M. O sistema de ensino sueco e os mercados transnacionais. In: ALMEIDA, A. M. F. e NOGUEIRA, M. A. (Org.) *A escolarização das elites. Um panorama internacional da pesquisa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p.192-222.
- CARVAJAL, C. La pratique de la lecture chez les étudiants. *Cahiers de l’URMIS*, Paris, n. 2-3, juin 1997. Disponível em : <<http://urmis.revues.org/index402.html>>. Acesso em: 12 abr. 2011.
- CARVALHO, M. P. O fracasso escolar de meninos e meninas: articulações entre gênero, cor/raça. *Cadernos Pagu*. Campinas: Unicamp, n. 22, p. 247-290, 2004.
- COHEN, R. Globalização, migração internacional e cosmopolitismo cotidiano. In: BARRETO, A. (Org.). *Globalização e migrações*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2005. p. 25-44.
- DIMITRIJEVIC, D. Editorial. *Cahiers de l’Urmis, Paris*, n.8, déc. 2002. Disponível em: <<http://urmis.revues.org/index17.html>>. Acesso em: 12 abr. 2011.

<sup>6</sup> Jornal da Unicamp, 13 a 31 janeiro 2010, p. 2.

<sup>7</sup> Idem, p. 8.

DURKHEIM, E. *Le socialisme. Les définitions, ses débuts, la doctrine saint-simonienne*. Paris : Alcan, 1928.

ERLICH, V. Les étudiants dans une société en mutation. *Cahiers de l'Urmis*, Paris, n. 2-3, juin 1997. Disponível em : <<http://urmis.revues.org/index396.html>>. Acesso em : 12 abr. 2011.

FALQUET, J.; HIRATA, H.; KERGOAT, D. et al. (Org.) *Le sexe de la mondialisation. Genre, classe, race et division du travail*. Paris: Presse de Sciences Po, 2010.

FERNANDES, F. *A integração do negro na sociedade de classes*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1978. v. 1.

FRICKEY, A. Avant-propos. *Cahiers de l'Urmis*, Paris, n. 2-3, juin 1997. Disponível em : <<http://urmis.revues.org/index408.html>>. Acesso em : 12 abr. 2011.

GASTAUT, Y. Le cosmopolitisme: un univers de situation. *Cahiers de l'Urmis*, Paris, n. 8, déc. 2002. Disponível em : <<http://urmis.revues.org/index21.html>>. Acesso em : 12 abr. 2011.

KURZ, R. Barbárie, migrações e guerras de ordenamento mundial. In: SERVIÇO PASTORAL DOS MIGRANTES. (Org.). *Travessias na desordem global: Fórum Social das Migrações*. São Paulo: Paulinas, 2005. p.25-36.

LABACHE, L.; SAINT MARTIN, M. de. Fronteiras, trajetórias e experiências de rupturas. *Educação e Sociedade*, Campinas, v.29, n.103, p.333-354, ago. 2008.

LISBOA, T. K. Gênero e migrações: trajetórias globais, trajetórias locais de trabalhadoras domésticas. *REMHU- Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, Brasília, ano 14, n. 26 e 27, p. 151-166, 2006.

MARTINE, G. A globalização inacabada. Migrações internacionais e pobreza no século XX. In: SERVIÇO PASTORAL DOS MIGRANTES. (Org.). *Travessias na desordem global: Fórum Social das Migrações*. São Paulo: Paulinas, 2005. p.37-76.

MARUANI, M. (Org.). *Femmes, genre et sociétés. L'état des savoirs*. Paris: Éditions La Découverte, 2005. MEC/SESU/PEC-G. *Manual PEC-G*, Brasília: Governo Federal, 2000.

MEYER, J-B. La mobilité internationale des personnes hautement qualifiées: les signes avant-coureurs de changements importants. *Forum*, Paris, 4, à paraître, 2004.

\_\_\_\_\_. Les diasporas de chercheurs, un atout pour l'avenir?. *Pour la science*, Paris, n. 328, p. 26-30, févr. 2005.

MONTLIBERT, C. de. L'emprise de la féminisation sur le savoir sociologique. *Regards sociologiques*, Paris, n. 22, p. 41-48, 2001.

NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (Org.). *Família e escola. Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. Viagens de estudo ao exterior: as experiências dos filhos de empresários. In: ALMEIDA, A. M. F. et al. *Circulação internacional e formação das elites brasileiras*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004. p. 47-63.

NOGUEIRA, M. A.; AGUIAR, A.; RAMOS, V. Fronteiras desafiadas: a internacionalização das experiências escolares. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 29, p. 355-376, 2008.

NOIRIEL, G. *Le creuset français. Histoire de l'immigration XIX-XX Siècle*. Paris: Éditions du Seuil, 1988.

NOVI, M. Les difficultés de la vie étudiante: effets d'intégration et effets d'origine. *Cahiers de l'Urmis*, Paris, n. 2-3, juin 1997. Disponível em : <<http://urmis.revues.org/index400.html>>. Acesso em : 12 abr. 2011.

PRADO, C. L. Em busca do primeiro mundo - Intercâmbios culturais como estratégias educativas familiares. In: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (Org.). *Família e escola. Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 155-70.

\_\_\_\_\_. Um aspecto do estudo de línguas estrangeiras no Brasil: os intercâmbios. In: ALMEIDA, A. M. F. et al. *Circulação internacional e formação das elites brasileiras*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004. p. 64-84.



SALA, M. M.; OLIVEIRA, O. de. “Los jóvenes en el inicio de la vida adulta: trayectorias, transiciones y subjetividades”. *Estudios Sociológicos*, México, v. 27, n. 79, p. 267-289, 2009.

SHIFF, M.; OZDENI, C. *International, migration, remittances and brain drain*. New York: OIT, 2005.

SILVA, G. R. L. *Migrações contemporâneas. Os estudantes estrangeiros na Unicamp/2010*. Monografia de Conclusão de Curso de Graduação — FE/UNIICAMP, Campinas, 2010.

SPOSITO, M. P. O migrante e a educação: o sonho nutre a luta. *Travessia*, S.P., p. 16-22, set./dez., 1988.

ZAMORA, R. G. Migrações internacionais e desenvolvimento na América Latina: avanços e desafios. *REMHU*, Brasília, ano 17, n. 33, p. 11-35, jul./dez. 2009.

WAGNER, A. C. A mobilidade das elites e as escolas internacionais — as formas específicas de representar o nacional. In: ALMEIDA, A. M. F.; NOGUEIRA, M.A. (Org.) *A escolarização das elites. Um panorama internacional da pesquisa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p.169-81.